

A Mostra dos Estudantes de Cenografia na Quadrienal de Praga – Território Fértil

Fausto Viana

Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo/SP, Brasil
e-mail: faustoviana@usp.br

Resumo

O objetivo principal deste ensaio é mostrar como alunos e professores podem ter uma atividade pedagógica sem igual ao participar da preparação para a Mostra dos Estudantes de Cenografia que acontece na República Tcheca de quatro em quatro anos, a Quadrienal de Praga. Ao privilegiar o processo didático e não a disputa para a seleção para a exposição no espaço expositivo em Praga, no processo curatorial de 2011 é possível perceber que o processual, o desenvolvimento e a preparação podem ser tão ou mais significativos que o resultado a ser visto pelo público. O ensaio apresenta ainda dados estatísticos sobre os alunos que participaram daquela edição e de como está a carreira de cada um deles hoje.

Abstract

The main objective of this essay is to show how students and teachers can have a unique pedagogical activity when participating in the preparation for the Scenography Student Exhibition that takes place in the Czech Republic every four years, the Prague Quadrennial. By privileging the didactic process and not the dispute for the selection for the exhibition at the stand in Prague, in the curatorial process of 2011 it was possible to see that the processual, the development, the preparation, can be as or more significant than the result to be seen by the public. The essay also presents statistical data about the students who participated in that edition and how their careers are today.

Palavras-chave

Mostra dos Estudantes. Cenografia.
Quadrienal de Praga.

Keywords

Student Exhibition. Scenography.
Prague Quadrennial.

Introdução

O diabo é que não adianta falar “maravilha”, “manhã admirável”, “invenção arquitetônica adorável”, “moça linda”. Não adianta, não descreve. Esses qualificativos só existem porque o homem é um indivíduo fundamentalmente invejoso: a gente fala que uma coisa é “admirável” e ele não só acredita mas ainda aumenta na imaginação o que a gente sentiu. Mas se eu pudesse descrever sem ajuntar qualificativos... Bem, não seria eu. (ANDRADE, 2015, p. 60).

Dez anos. Este ensaio começa justamente quando se comemoram dez anos dos trabalhos feitos para a Mostra dos Estudantes na Quadrienal de Praga de 2011. Não há, de maneira alguma, conteúdo saudosista (bem, talvez um pequeno toque aqui e ali, porque saudade mata a gente e se esconde nas entrelinhas), mas sim um conteúdo revisionista e crítico do que foi produzido naqueles dois anos: em 2010, quando começaram os trabalhos com as escolas, e 2011, ano da Quadrienal de Praga propriamente dita.

O principal objetivo deste ensaio é mostrar a importância de participar de uma mostra das escolas na Quadrienal de Praga, seja para o aluno de cenografia, seja para o professor que pesquisa, leciona ou desenvolve trabalhos de cenografia.

A Mostra dos Estudantes de cenografia do Brasil de 2011

Havia um caminho aberto previamente por curadores, como J. C. Serroni e Lidia Kosovski, na Mostra dos Estudantes. A USP, instituição na qual ministro aulas e desenvolve pesquisas, já havia participado em 2007 da mostra sobre Nelson Rodrigues com o trabalho de duas alunas, Carla Carvalho e Camila Morita, que continua desenvolvendo

uma linda carreira como artista plástica¹.

O trabalho para a Mostra das Escolas de 2011 teve tempo para acontecer. A preocupação principal na ocasião era tratar os trabalhos como uma atividade didática, cujo resultado incluía uma exposição em Praga e não um trabalho que fosse a apresentação em Praga. Há uma enorme diferença entre as duas coisas.

Tratar a mostra como uma atividade didática significava estimular alunos a pensar em temas ligados a cenografia e que poderiam ser incluídos entre as atividades programadas pelos professores e professoras de cenografia pelo país. Não seria um tema que surgiria de surpresa, com pouco prazo para execução, e que os professores teriam que incorporar ao seu planejamento – sim, é coisa que os professores fazem... – para poder participar. A ideia era descartar a competitividade que uma mostra em Praga poderia despertar em troca de uma exposição que fosse fruto de pensamento, reflexão, criação e troca entre os alunos, os professores e as escolas. Interessava mais o percurso, a trajetória da busca do que o resultado em si.

O tema das escolas seguiu a proposta feita pela Quadrienal de Praga para a Mostra Nacional: “trabalhar fronteiras entre temas – cenografia, figurino, luz, som e arquitetura – e outras manifestações artísticas do mundo contemporâneo que interagem, no nosso caso, na formação do aluno-artista-criador” (VIANA; MUNIZ, 2011, p.114).

O título da exposição foi “Artistas múltiplos: fronteiras de linguagem e espaço cênico”. Para não incorrer no risco da acusação de autoplágio, o trecho a seguir traz informações (com adaptações) que eu escrevi na apresentação da Mostra das Escolas no catálogo geral do Brasil na Quadrienal de Praga, em 2011 (MUNIZ, 2011).

¹ Assista ao vídeo feito por Felipe Correia, da série Artevista, episódio 4 – Camila Morita, a artista por trás das telas. Saiba o que é sentir orgulho de ter feito parte da trajetória de alguém. Disponível em: <<https://www.facebook.com/doneheadshoes/videos/465935220661815/>>. Acesso em: 12 mai. 2020.

— O espaço alternativo ainda na escola

Ficava anunciado imediatamente que foram privilegiados o aprendizado, a discussão e a pesquisa dos alunos em detrimento de formas estéticas vazias ou a ausência de conteúdo. O desejo era abordar como o aluno lidava com os espaços alternativos ainda na escola, se é que isso era uma preocupação dele em sala de aula. “O teatro saiu do teatro”, anunciaria Dorita Hannah na discussão em Praga, no seu Laboratório do espaço, em 2011.

A aposta no tema, dez anos depois, parece ter sido correta: não só o teatro saiu do teatro como se reinventa cada vez mais em espaços alternativos. Sua criação acontece de maneiras muito distintas dos caminhos que o teatro tradicional sempre indicou, e vai continuar a indicar.

Aqui vale uma breve pausa para tranquilizar corações mais ansiosos.

Naquele ano de 2010, como hoje, houve uma série de reclamações que clamavam pelo teatro tradicional, no palco à italiana. Alguns perguntavam se nós refutávamos o teatro tradicional. É claro que não! Era apenas uma proposta, uma provocação para o pensamento dos estudantes. Naquele ano, a temática era “espaços alternativos”.

A chamada para a mostra foi amplamente divulgada e, naquela edição, todos os estabelecimentos que trabalhavam com cenografia foram convidados a participar. Foram chamados não apenas os alunos de universidades, mas também de escolas técnicas, workshops, cursos livres... Afinal, este era o perfil do aprendizado de cenografia no Brasil.

Doze escolas responderam e enviaram mais de cinquenta trabalhos, dos quais trinta de onze escolas foram selecionados por um júri e enviados para Praga. Estas escolas foram a SP Escola de Teatro, a Universidade de São Paulo, a Oficina de Cenografia Lu Grecco, a Universidade de Brasília, a Universidade Federal de Santa Catarina, a Escola de Teatro Catarse, a Universidade de Campinas, a Universidade Federal do Pará, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o INDAC Escola de Atores e a

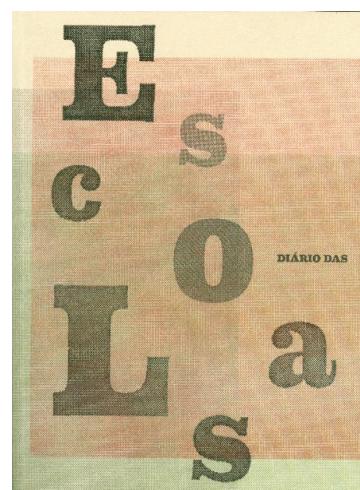
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Além disso, paralelamente, foi feita uma chamada de artigos para uma publicação da mostra das escolas, que foi batizada de Diário das Escolas e publicada pela FUNARTE em 2011, junto com o catálogo da mostra nacional. No Diário, era possível encontrar textos de alunos sobre cenografia, e havia uma seção especial para eles: Como pensam nossos alunos, que trazia textos de Dalmir Rogério, Rafael Bicudo, Renata Berenstein de Azevedo, Martha Travassos, Lucas Fabrizzio Laquimia de Souza, Beatriz Evrard, Sandra Regina Facioli Pestana e Katia Agg. Na seção “Indumentária: textos”, vinha um texto de Carolina Bassi e em “Indumentária: entrevistas”, trabalhos feitos por Rosane Muniz e Dalmir Rogério.

Os professores também contribuíram para o Diário: Ronald Teixeira, Fausto Viana, Evelyn Furquim Werneck Lima, José Carlos de Andrade, Elizabeth Azevedo, Adriana Vaz Ramos e um texto delicioso do hoje saudoso – não falei que a saudade viria? – José de Anchieta Costa (1948-2019), um dos nossos maiores e melhores cenógrafos (e nota-se mais uma vez o porquê da epígrafe de Mário de Andrade).

O catálogo impresso esgotou-se rapidamente, mas ainda pode ser encontrado no seguinte endereço: https://issuu.com/carolina.bassi/docs/di_rio_das_escolas (acesso em: 12 maio 2020).

Figura 1 – A capa do Diário das Escolas, de 2011.



Fonte: Foto do autor.

Em Praga

A edição da PQ 2011 teve um lado aparentemente muito triste: o Palácio Industrial (figura 2), um centro de convenções Art Nouveau que foi aberto em 1891 e tem uma beleza singular, tinha sido parcialmente destruído pelo fogo e estava interditado (a partir da edição de 2019, a PQ voltou a acontecer lá).

Figura 2 – O Palácio Industrial em Praga em 2007.



Fonte: < https://en.wikipedia.org/wiki/V%C3%BDstavba_Praha#/media/File:Praze-vystaviste-holesovice.jpg >.

Acesso em: 12 maio 2020.

Mas foi justamente isso que fez com que a PQ 2011 tivesse uma mudança radical que tinha muito a ver com o tema geral, de espaços múltiplos, espaços encontrados, teatro fora do teatro. Assim, a exposição foi dividida entre a Galeria Nacional (onde estava a Mostra Nacional do Brasil e a Mostra dos Estudantes), uma praça externa ao lado do Teatro Nacional e um local chamado *Prague Crossroads*, um centro social e cultural na Igreja de Santa Ana, que tinha sido dessacralizada. Todos bem no centro de Praga.

Se, por um lado, a mostra perdeu aquela união e proximidade entre os artistas e exibidores que o Palácio Industrial permitia, por outro, a divisão da exposição gerou um alcance muito maior na cidade, uma maior interação do público com o espaço urbano. Foram 60 mil visitantes naquele ano. Sessenta e dois países tomaram parte na

Mostra Nacional, entre eles o Brasil, que venceria a *Golden Triga*, a premiação máxima da Quadrienal.

Para um aluno, um estudante de cenografia, bem como para professores de cenografia, é um banquete artístico, uma festa que só acontece mesmo de quatro em quatro anos. A gama de atividades que podem ser feitas é pensada simplesmente para agradar a muitos gostos. Ou seja, além de participar do processo pedagógico em seus países, os estudantes das mostras podem ir à Praga e complementar uma formação que raramente seria possível em seus países de origem, principalmente em função da variada quantidade de ministrantes e participantes de workshops, atividades didáticas, experimentos artísticos, performances, palestras...

Naquele ano de 2011, os atrativos eram muito variados: além da Mostra Nacional dos Países, que apresentou trabalhos de cenografia incríveis, havia a própria Mostra dos Estudantes, que se revela a cada edição da PQ um laboratório de experiências e de intercâmbio de ideias.

Houve também uma exposição especial, chamada Mostra de Figurinos Radicais, feitos com materiais inusitados e provocativos. E a PQ para crianças pequenas, uma atividade nas diversas locações da exposição.

Na igreja dessacralizada, já mencionada, aconteceu a Mostra de Arquitetura Teatral, que tratava basicamente de novos edifícios teatrais pelo mundo todo. Uma mostra especial de instalações foi exibida na praça ao lado do Teatro Nacional. Na Galeria Jaroslav Fragner houve uma exposição com trabalhos do inglês Edward Gordon Craig, ele próprio um renovador da cenografia. E muitas outras atividades.

Não bastasse a experiência de estar em um dos maiores eventos de cenografia do mundo, há a cidade de Praga em si. A parte central da cidade começou a se desenvolver do lado esquerdo do Rio Vlatava, perto da área do castelo de Praga e da Torre Lesser, entre os séculos oitavo e décimo, informa o site oficial da cidade². O castelo de Praga é do sécu-

² Ver o site em: < https://www.praha.eu/jnp/en/about_prague/past_and_present/history_of_prague/index.html >. Acesso em: 12 mai. 2020.

lo nono. A Ponte Carlos, uma impressionante construção também no centro, repleta de esculturas e um lugar extremamente badalado, é do ano 1357. Há também o relógio astronômico de Praga, na Praça Central, o relógio medieval mais famoso do mundo e é tão lindo que a lenda conta que os vereadores locais mandaram cegar o relojoeiro Hanus, responsável pela construção do relógio em 1410, para que nunca pudesse produzir outra beleza igual. Histórias horríveis que são um estímulo para a criação, por mais paradoxal que possa soar. Na mesma praça, a energia pesada e densa da igreja onde os julgados pela inquisição foram condenados. Há a casa de Franz Kafka (1883-1924). E fábricas de armaduras. Estúdios gigantescos para produções de filmes e comerciais. E sorvete azul com sabor Smurfs – ora, quem pode não experimentar um sorvete dos Smurfs?

Saindo de Praga, de trem, chega-se a um lugar inesquecível: uma cidadela chamada Český Krumlov, onde há um teatro barroco que foi construído entre 1680-1682, dentro de um castelo cercado por um fosso, que começou a surgir por volta de 1240. E próximo do castelo, um museu dedicado a Egon Schiele (1890-1918), o artista plástico que viveu um período de sua vida nessa cidade, terra natal de sua mãe.

Tudo é um estímulo ao aprendizado, à aquisição de conhecimento, à troca de experiências. E isso que não mencionamos as inúmeras cidades próximas, ou as escavações, já que alguns sítios arqueológicos do local datam do período paleolítico.

Onde estão os alunos?

Claro que os efeitos de uma Quadrienal de Praga não são sentidos de imediato – é necessário tempo, decantação, reflexão... espera. O tempo é um senhor absoluto na formação de artistas e pesquisadores.

Como um exercício de curiosidade, buscamos o que estão fazendo hoje os alunos que estiveram em Praga conosco ou que enviaram trabalhos. Pela proximidade, escolhemos os alunos que eram mais presentes no nosso círculo, dentro do Programa de Pós-Graduação (mestrado e doutorado)

em Artes Cênicas na Universidade de São Paulo.

João Bourbonnais, autor do projeto Amarras, já era um ator com sólida carreira, e continua trabalhando como ator. Terminou seu mestrado em 2012. Duas das participantes do projeto Habitar É Deixar Vestígios seguiram carreira acadêmica e hoje são professoras em universidades: Rosane Muniz terminou o doutorado em 2016 e hoje é professora no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo; Sandra Pestana finalizou seu mestrado em 2012 e o doutorado em 2019 e leciona na Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo.

Beatriz Evrard, que terminou seu mestrado em 2017, continua seu trabalho como performer e trabalha na casa de Cultura da Brasilândia, em São Paulo. Marcelo Girotti terminou seu mestrado em 2012 e hoje é professor na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Ambos trabalharam com mais colegas em Infinito Particular.

Dalmir Rogério apresentou em 2011 dois trabalhos: 03 palavras.com e A Fonte. Terminou o mestrado em 2012, o doutorado em 2017 e hoje é professor da Universidade Federal de Goiás. No projeto A Fonte, além de outros participantes, estava Lucas Fabrizzio, que hoje é produtor do Instituto Tomie Ohtake.

Carolina Bassi de Moura em 2011 já tinha concluído seu mestrado quando escreveu para o catálogo da Mostra dos Estudantes. Hoje é professora na UNIRIO e chefe do departamento de Cenografia. Em 2019, ela e uma equipe de professores (André Sanches e Luiz Henrique Sá, da UNIRIO, e Cássia Monteiro e Desirée Bastos da UFRJ) foram os coordenadores da Mostra das Escolas na Quadrienal de Praga.

Erica Schwarz, aluna da UNIRIO, que em 2012 apresentou o projeto Macunaíma: Nova Rota Guanabara, hoje é professora da Unicamp, em São Paulo.

Dentre os outros alunos que não acompanhei totalmente a trajetória, muitos mudaram para o exterior e trabalham em carreiras que se não são cenografia, são correlatas. É o caso de Caio Sanfelice, aluno da Unicamp, que apresentou o projeto Luz nas Trevas em 2011. Ele vive hoje em Londres, no Reino Unido, e trabalha como fotógrafo.

Conclusão

Figura 3 – Aspecto geral do espaço expositivo da Mostra das Escolas em Praga.



Fonte: Foto de Ding Musa.

Não foi, como talvez possa transparecer, um processo fácil. Foi muito trabalho, desde o princípio: as chamadas, as seleções, a exposição seletiva em São Paulo, a montagem do espaço expositivo em São Paulo e o transporte para Praga... Lidar com gente e trabalhar com gente, que não tenho dúvidas que todos sabem como é difícil, ainda mais em situações de conflito e pressão. Que bom foi poder contar com a presença do curador geral da exposição, Antonio Grassi, e também com o apoio de Myriam Lewin, ambos da FUNARTE.

É meu dever destacar que uma das partes mais ricas do trabalho foi o curso que ministramos juntos: Marcio Tadeu e Helô Cardoso, ambos da Unicamp, e eu na sala 18 do Departamento de Artes Cênicas da ECA USP, reunindo alunos de graduação e de pós das duas escolas. Como eu aprendi com estes dois parceiros, que acompanho até hoje – e eles estão merecidamente aposentados da Unicamp e “descansam” dando aulas na SP Escola de Teatro. Ninguém para esta dupla!

Acredito que o processo pedagógico tenha de fato prevalecido. A troca de e-mails, de textos entre os participantes, a vontade da mai-

ria de querer participar, de querer ser parte afetiva de um processo... O aprendizado com os estudantes, aqui e em Praga, foi indescritível.

Aposto também que o processo foi enriquecedor para os alunos, que, como vimos, tomaram rumos muito significativos. Basta ver, por exemplo, o número de alunos que assumiram posições de docência nas melhores universidades do país: seis. É um número bastante expressivo diante do total de cursos de cenografia no Brasil. Isso também sem contar alunos que ministram cursos e oficinas livres, que não computei neste breve ensaio. É o caso, por exemplo, de Júlia Gonzales Martins, da Universidade de Brasília, que ganhou uma passagem para Praga pelo melhor projeto daquele ano: A Terceira Margem do Rio, que ela fez com Hugo Cabral e Raquel Moraes de Oliveira, sob orientação de Sônia Paiva. A Júlia tem uma página³ em que ministra cursos de escultura em argila e bordado livre. Tudo tão delicado como o trabalho que ela e sua equipe propuseram há dez anos.

Referências

ANDRADE, Mário. *O turista aprendiz*. Brasília: IPHAN, 2015, p.60.

VIANA, Fausto; MUNIZ, Rosane (Orgs.). *Dicionário das escolas: cenografia PQ11*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2011.

MUNIZ, Rosane. *Brasil PQ11: Quadrienal de Praga: espaço e design cênico*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2011.

Recebido: 18/05/2020

Aprovado: 20/06/2020

³ Veja a página da Júlia em <https://www.pardeideias.com.br/julia-gonzales->. Acesso em: 14 mai. 2020.